

Ana Bartolo*

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Caderno de regras

Resumo: Uma reflexão sobre não pensar tanto nas coisas, instrução extraída de uma anotação feita pelo jovem Emilio Renzi, aos 19 anos, em seu diário: “deve-se tentar fazer com que tudo deslize imperceptivelmente”. Em um *diário de escritor* é possível extrair condutas poéticas, dicas de escrita, anotações climáticas, instruções, prescrições (médicas ou morais), receitas (culinárias ou outras), manuais técnicos, modos de usar, regulamentos, guias de viagem, tutoriais, palavras de ordem, conselhos, sugestões, prompts, entre outras coisas.

Palavras-chave: caderno de regras, diário de escritor, reforma de si, forma breve

Abstract: This text is a reflection on not thinking so much about things. Instructions extracted from a note written by 19-year-old Emilio Renzi in his diary: “*one should try to make everything slide by imperceptibly*”. From a *writer’s diary*, it is possible to extract poetic conduct, writing tips, notes on the weather, instructions, prescriptions (medical or moral), recipes (culinary or otherwise), technical manuals, directions for use, regulations, guidebooks, tutorials, watchwords, advice, suggestions, prompts, among other things.

Keywords: notebook, writer’s diary, self-improvement, shortened form

Um dia, na sala de espera da yoga, o funcionário da recepção perguntou em voz alta o nome dela: Nadine Nicolai. Ela era magra e relativamente baixa. Tinha o cabelo bem curto e dele pendia uma trança comprida e fina que ia até a altura da cintura. Estava sentada com as pernas para cima lendo a *Autobiografia de um Polvo*. Ainda não era verão, mas naqueles dias a jovem Nadine Nicolai, com seu macacão preto, executava de forma correta a postura do guerreiro 2.

Nadine Nicolai estava livre e existia. Bastava olhar para ela para sentir ganas de uma vida nova. Ela não tinha o olhar rútilo dos amadores, ao contrário. No verão raspou a cabeça e seu guerreiro 2 ficou ainda mais elegante. Seus pais deram a ela esse nome em homenagem à professora de dança que os apresentou.

Naqueles dias de verão, observava Nadine Nicolai e tentava me valer dos poucos momentos de confiança que ainda desfrutava. As premissas continuavam as mesmas: NÃO JULGUE, NÃO COMPARE, NÃO CONTROLE, mas notei que precisava adicionar à lista o elemento confiança. Confiar que não vai dar merda. Esses dias ouvi de uma amiga a seguinte estória: Ah lembrei! Era uma estória edificante que confirmava a crença de que não se deve nunca esperar nada de ninguém. Como não esperava nada nunca de ninguém, quase tive um troço quando ela me deu de presente o bolo de aniversário.

Mas não era sobre isso que queria escrever. Era sobre conversar comigo mesma diante do espelho. Tinha me afeiçoado ao hábito. E cada vez com mais frequência me instalava no único ponto cego da casa, um pequeno corredor entre um dos quartos e a cozinha, jogava no chão um almofadão encardido e ficava diante do espelho, o que era diferente de ficar deitada olhando fixamente para o teto pensando na montanha de coisas que tinham acontecido.

Todos os sonhos no meu templo
todos os planos no meu templo
todos os sons no meu templo.

O poema foi escrito no inverno passado.
A cozinha tinha se tornado alaranjada.
Rosa meio alaranjada.

Quero ir, não quero ir.
Hoje era um dia bom para tomar um drink.
É sábado: talheres tilintam no apartamento ao lado.
Vizinhos combinam o jantar.
Casais combinam jantares todas as noites.

Sorte/azar.
Às vezes, penso que é um,
mas na verdade é o outro.

Agora mesmo, por exemplo, pensei uma coisa que parecia ser azar, mas que, na verdade, era sorte. Aliás, a minha estória era a estória de tudo aquilo que eu não pensava que era sorte e um dia descobria que era.

Por favor, não se esqueça
de alimentar os peixes
assim que virar esta página.
(Assis 2019: 15)

Os três versos acima integram o final do poema “Hotel Madrid”, de Laura Assis, publicado em *Duas Vezes o Sol* (Aquela Editora, 2019). Tenho uma teoria de que se pode transformar qualquer poema em haikai. Quero dizer, às vezes dá para extrair um haikai de um poema mais longo. Talvez porque o destino de qualquer poema seja um dia virar um haikai e, se ainda não é um haikai, é porque ainda não é um poema. Um haikai ou, ao menos, três linhas. Uma forma breve como um haikai ou um trigram. Brincadeira, mas gosto de pensar que algumas partes vão se despregando no caminho como o torso do poema de Rilke.

TENS DE MUDAR A TUA VIDA

Talvez não haja em lugar algum do planeta verso tão soberano como esse. Imperativo, é certo, mas em poesia não soa arrogante. No original em alemão: “Du mußt dein Leben ändern”. É a última frase do último verso do soneto “Torso arcaico de Apolo” (1908) de Rainer Maria Rilke. A frase é decisiva porque se coaduna a um universal antropológico: o ser humane é sensível ao chamado de elevação e mudança de vida.¹

Conduta poética

Em um *diário de escritor*, pode-se observar a inteligência de uma *escrita de si* que se coaduna à concepção de *cuidado de si* praticada na Antiguidade. Pode-se dizer que os escritores que escrevem diários são como herdeiros dos filósofos pagãos. Restituem uma ética. Era como se eu estivesse sempre fazendo planos no meu templo. Aquele estado permanente de preparação me exasperava. Queria que fosse como na floresta. Em *Escute as Feras*, a escritora e antropóloga francesa Nastassja Martin observa:

É tempo de partir, mas a iminência dessa partida é calada. É assim na floresta: nunca partimos aos poucos, não nos preparamos, fazemos como se nada nunca fosse mudar até que tudo se altera de uma só vez. É precisamente isso o estado de alerta. Não se deve jamais falar do momento em que vamos nos separar, do momento em que nada será como antes. (Martin 2021: 99)

O escritor argentino Ricardo Piglia começou a escrever seus diários em 1957, aos 17 anos, e seguiu escrevendo-os por toda a vida até 2015. Ao todo, 327 cadernos pessoais publicados em três volumes escritos por Emilio Renzi (ER), seu alter ego. Quando iniciou seus diários, observava *diários de escritores* com o intuito de tornar-se um escritor:

O ofício de viver, por exemplo, Editorial Raigal, tradução de Luis Justo. Está assinado com as minhas iniciais, ER, com a data de 22 de julho de 1957. Naquela altura eu estava escrevendo meus primeiros contos, me interessava vivamente saber quanto tempo um escritor levava para escrever um livro e reconstruí a cronologia da obra de Pavese a partir do seu diário. (Piglia 2017: 27)

Tenho medo de ler o diário de um escritor que sei de antemão que vai se matar, como é o caso de Cesare Pavese. Tenho medo de que a pulsão de morte me carregue junto. Tenho medo de ser capturada pela sombra que avança. Mas Renzi não se incomoda. Talvez porque ele esteja deslizando de uma coisa para outra sem pensar tanto nas coisas. Como ele anota, em 1960, aos 19 anos, em seu diário.

Modo de usar: frases simples

Quando eu não pensava nas coisas tanto quanto penso agora. Tem frases tão simples que você poderia roubá-las sem correr o risco de ser acusado de plágio. Como essa em itálico, extraída do romance *The Ghost Writer* (1979), do escritor estadunidense Philip Roth. Uma frase simples é o resultado de um longo trabalho de depuração. Já a primeira frase de um romance é digna de nota. Seria possível olhar para o conjunto da obra de um escritor listando apenas as primeiras frases dos seus livros.

Na primeira vez que vi Brenda, ela me pediu que segurasse seus óculos. (Roth 1970: 11)²

A frase em itálico citada na abertura deste tópico não é a primeira frase de *The Ghost Writer*. Na folha datilografada, a primeira frase desse romance é a de número 10 ou 11. É uma frase longa, de mais ou menos umas seis linhas. Na tradução em português, o título do livro é *Diário de uma Ilusão*. Trata-se da primeira obra narrada por Nathan Zuckerman, o famoso alter ego do autor. Basicamente, é uma estória em que um jovem e promissor escritor passa a noite conversando com um velho e reputado escritor sem ilusões. É um dia frio de dezembro, está nevando.

Os pinguins mortos na areia
Avisavam a mim, sem rodeios
Que o inverno havia terminado

Além da anotação, todo um dossiê sobre a forma breve

10 de março de 1979, última aula do curso *A Preparação do Romance I*, de Roland Barthes. São muitas as folhas redigidas e ele precisa se aproximar do ponto que articulará a passagem do haikai ao romance. Então, descarta algumas folhas. São planos rapidamente esboçados de cursos futuros (proliferações inerentes a uma pesquisa) para investigar a questão da forma breve. Ele considera dois cursos: um levantamento sobre diferentes tipos de formas breves: máximas, epigramas, pequenos poemas, fragmentos, notas de diário íntimo, variações musicais etc. Segundo ele, esse curso se daria a partir de dois eixos principais: a variedade das formas e os valores sobre elas investidos. Um outro curso seria em torno do objeto-frase, a frase enquanto instância material.

Quando o gelo começa a derreter, penso:
está na hora de retomar meu caderno de regras.

Reform!

É preciso confessar que algo me incomoda, mas não sei exatamente o que é.
Quem pode se interessar se um sujeito não se transforma ou
se uma transformação não está em curso?

Nada mais a fazer do que depositar toda a minha confiança em Nadine. Sozinha no dia de hoje. Moscas rente ao ouvido. Tudo a seu tempo, mas de uma hora para outra se perde o controle, é estranho. Não se perde tudo de uma tacada, mas se perde uma boa parte e o restante, dizem, vai se perdendo progressivamente e de modo acelerado.

Em um diário o sujeito está inevitavelmente diante do desconhecido. Hoje li pela primeira vez o famoso Michel de Montaigne (“Sobre a solidão”) – de fato, muitas citações, como reclama Canetti. Pressupostos éticos para uma *reforma de si* a partir da recolha de citações, máximas, conselhos e outros trechos extraídos dos filósofos da Antiguidade.

Se não adotar novos parâmetros éticos, não conseguirei efetuar a tão almejada *reforma de si*. O escritor japonês Haruki Murakami conta que foi só aos poucos que conseguiu mudar o hábito de julgar apressadamente.

Vi em um *post* – um pequeno pedaço de entrevista – o cineasta japonês Akira Kurosawa dizer que escrever é como escalar uma montanha. Murakami faz a mesma analogia. Montanha sobre montanha. No *Livro das Mutações [I Ching]*, o hexagrama “Gen” é formado por dois trigramas que representam a montanha, comumente traduzido em português como “A quietude”. Os antigos mestres taoístas enxergavam nesse hexagrama um método de meditação em miniatura formado por seis linhas que ensinam, em um passo a passo, a sentar e meditar.

Minha mãe é a melhor pintora de montanhas que eu conheço.

Ontem estava fazendo yoga e uma frase brotou na minha cabeça. Estava com o cérebro mais elástico e a frase simplesmente surgiu. Não consegui anotá-la e hoje ela se esvaiu. Gosto de texto bloqueado, com frases do tamanho de uma linha. Acabei de ter uma ideia muito legal. Talvez não tenha ninguém lendo, então vou perguntar. *Ei, você está aí?* A própria escrita é uma espécie de caverna escondida em uma floresta. Àquela altura, a única coisa que importava era reunir forças a cada estação.

Se em um filme tem o escritor fracassado e o escritor bem-sucedido (*Anatomia de uma Queda*), me identifico com os dois. São como almas gêmeas. E, se em um livro tem o escritor jovem e o escritor velho (um saber sem ilusões da vida), me identifico com os dois. Entrei no Insta e me deparei com um verso de @reubendarocha: “Os dias ruins depende de como se vive os bons”. Gosto de poemas que trazem algum pressuposto ético.

Mesmo que as coisas não tenham mudado, você pensa:
nossa, quanta coisa precisei viver para chegar até aqui.

Em seu diário, Renzi anota que, para escrever, o estado ideal é aquele em que se encontra calmo, sem pensar em nada. Ele anota no diário ideias para contos. Foi uma das melhores práticas do ano, e Nadine Nicolai estava lá, e ainda por cima era seu aniversário, de modo que todos pudemos abraçá-la. Não sei se todos, ao olhá-la, sentem ganas de *VITA NOVA*. Ela nos disse que fazer aniversário dia 24 de dezembro era bom porque as pessoas estavam mais emocionadas. Agora lembrei de uma coisa, a primeira vez que ouvi Nadine emitir uma opinião foi no dia em que abrimos o armário dos tapetinhos de yoga e encontramos uma barata. Ela falou que, se fosse uma barata, também ia gostar de ficar ali. Pensei: que tipo de pessoa faz um comentário desses? Mas foi só hoje que me dei conta de que a observação sobre a barata linka com o livro que tempos depois a vi lendo no saguão da yoga.

NOTAS

* Ana Bartolo é doutora em Letras (PUC-Rio, 2021). Atualmente, através de um projeto de pós-doutorado, pesquisa os usos do diário no ensaísmo contemporâneo junto ao Programa de pós-graduação em Letras da UFMG. Publicou *Caçador de Ginseng* (7Letras, 2018), um pequeno manual de condutas crítico-poéticas e *Conselho de Canetti* (Circuito, 2024). Tem interesse em conselhos de escritores com intuito de escrever a própria obra.

¹ O filósofo alemão Peter Sloterdijk usa essa frase como título de um livro publicado em 2009. Nessa obra, a frase de Rilke opera como um chamamento para uma mudança de vida global face aos atuais desafios planetários. Aliás, ele observa, não é *deves*, é *tens* de mudar de vida. O sujeito moderno se acomodou em um consumismo exacerbado que o deixou relaxado, e a frase de Rilke – em sua “tensão vertical” – exorta a uma mudança de vida. Sobre essa frase, o filósofo escreve de modo eloquente: “Se quiséssemos transferir todos os ensinamentos das religiões do papiro, do pergaminho, do estilete e da pena, das religiões caligráficas e tipográficas, todas as regras das ordens monásticas e programas das seitas, todos os manuais de meditação e doutrina dos níveis, todos os programas de *training* e dietologias para uma oficina comum onde fossem sintetizadas numa última redação, o seu concentrado mais extremo não diria nada mais do que o poeta, num momento de translucidez, faz emanar do torso arcaico de Apolo”. (2018: 40)

² Philip Roth, em uma palestra proferida no Lotos Club de Nova Iorque em 1994, contou que aos 23 anos, quando não havia ainda publicado seu primeiro livro, encontrou em uma mesa de restaurante uma folha datilografada com 19 frases que não pareciam ter sentido aparente entre si. Ele relata que levou o papel para casa, sem especial interesse no achado nem preocupação de guardá-lo. E a folha, por não ter tido um lugar fixo, rodava pela casa e reaparecia, de tempos em tempos, diante dele. Um dia, rendido a esse apelo, decidiu fazer jus ao encontro e propôs a si um desafio: transformar cada uma das 19 frases, seguindo a ordem em que apareciam na página, nas primeiras linhas dos seus futuros romances. Consultei na estante um exemplar de *Goodbye Columbus*, sua estreia literária, e a frase nº 1 da folha datilografada estava lá, invicta e radiante.

Bibliografia

- Assis, Laura (2019), *Duas vezes o Sol*, Juiz de Fora, Aquela Editora.
- Barthes, Roland (2005), *A Preparação do Romance I*, tradução de Leyla Perrone-Moisés, São Paulo, Martins Fontes.
- Cherng, Wu Jyh (2001), *I Ching. A alquimia dos números*, Rio de Janeiro, Mauad.
- Despret, Vinciane (2022), *Autobiografia de um Polvo*, tradução de Milena P. Duchiade, coleção Desnaturadas, Bazar do Tempo [2021].

- Martin, Nastassja (2021), *Escute as Feras*, tradução de Camila Vargas Baldrini e Daniel Luhmann, coleção Fábula, São Paulo, Editora 34 [2019].
- Montaigne, Michel (2010), *Os Ensaios*. Uma seleção, organização de M.A. Screech, tradução de Rosa Freire d'Aguilar, São Paulo, Companhia das Letras.
- Murakami, Haruki (2017), *Romancista como Vocação*, tradução do japonês de Eunice Suenaga, São Paulo, Alfaguara [2015].
- (2000), *Do que eu Falo quando Falo de Corrida*, tradução de Cássio Arantes Leite, São Paulo, Alfaguara [2007].
- Piglia, Ricardo (2017), *Anos de Formação. Os diários de Emilio Renzi*, tradução de Sérgio Molina, São Paulo, Todavia.
- Roth, Philip (2022), "Suco ou molho?", in *Por que Escrever? Conversas e ensaios sobre literatura 1960-2013*, tradução de Jorio Dauster, São Paulo, Companhia das Letras, 405-416.
- (c.1980), *Diário de uma Ilusão*, tradução de Luís Horácio da Matta. São Paulo, Círculo do Livro [1979].
- (1970), *Goodbye Columbus*, tradução de Luís Horácio da Matta, Rio de Janeiro, Editora Expressão e Cultura [1964].
- Sloterdijk, Peter (2018), *Tens de Mudar de Vida. Sobre antropológica*, tradução de Carlos Leite, Lisboa, Relógio D'Água [2009].
- Sontag, Susan (1986), "A mente como paixão", in *Sob o Signo de Saturno*, Porto Alegre, L&PM [1980].

Filmografia

- Triet, Justine (2023), *Anatomia de uma Queda* [Anatomie d'une chute].